

Considerações sobre os fundamentos da psicanálise em *O mal-estar na civilização*

Considerations on the foundations of psychoanalysis in Civilization and Its Discontents

Mateus Barreiro¹

Alonso Bezerra de Carvalho²

Macioniro Celeste Filho³

Resumo: O presente trabalho trata da obra de Freud *O mal-estar na civilização* com foco na concepção do ser humano, nela abordada, que apresenta conflitos internos em decorrência das exigências da sociedade. Com a publicação dos escritos psicanalíticos,

¹Psicólogo (2007) graduado pela PUC-Campinas, tendo sido bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Mestre (2017) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - UNESP. Trabalhou como Psicólogo no Sistema Único de Saúde (SUS) e na área de Educação. Tem experiência na área de filosofia, psicologia da educação, psicologia social e psicanálise. Atualmente é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa História e Filosofia da Educação, na Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - UNESP.

²Graduado em Filosofia (1986), em Ciências Sociais (1992) e Mestrado em Educação (1997) pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília. Doutor em Filosofia da Educação (2002) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Livre-Docente (2013) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Em 2007 fez pós-doutorado em Ciências da Educação na Universidade Charles de Gaulle, Lille, França. Atualmente é professor adjunto no Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, Campus de Marília. Foi Professor Visitante na Universidade de Santiago do Chile (Chile, 2015), na Universidade de Cergy-Pontoise (França, 2015) e na Universidade de Buenos Aires (Argentina, 2017). É líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Ética e Sociedade (GEPEES), cadastrado no CNPq. Foi professor da rede básica de ensino do Estado de São Paulo de 1987 a 1997. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação e Didática, atuando principalmente nos seguintes temas: ética, educação, amizade, modernidade, racionalização, decolonialidade, didática, formação de professores e filosofia e sociologia da educação.

³Possui Bacharelado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP (1989); Licenciatura em História pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FE-USP (1989); Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2002) e Doutorado em Educação, ambos na área de especialização em História da Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2006); Pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (2017); Pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2016-2017). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino Superior, atuando principalmente com os temas de História da Educação e Ensino de História. Atualmente é Professor Assistente Doutor no Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da UNESP, campus de Bauru. É professor permanente do Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica da Faculdade de Ciências da UNESP, campus de Bauru. É professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília, lecionando e pesquisando nestes dois programas nas áreas de História da Educação, Ensino de História e Teorias e Métodos das Ciências Humanas. E-mail: macioniro.celeste@unesp.br - <http://orcid.org/0000-0001-8798-9891> - <https://unesp.academia.edu/MacioniroCelesteFilho>.

vários pontos de tensão entre o indivíduo e a civilização induziram Freud a fundamentar os conceitos de id, ego, superego, princípio da realidade, entre outros. Tais conceitos viabilizaram o entendimento dos princípios da civilização, rompendo com a dualidade entre os aspectos do inconsciente individual e coletivo. Nessa obra, Freud utilizou terminologias usuais da ciência naturalista em consonância com o espectro de saberes adjacentes do campo das humanidades tendo em vista que a sua junção, em um todo coerente, proporcionaria maior alcance teórico para a psicanálise. Este artigo pretende investigar os fundamentos da psicanálise em *O mal-estar na civilização*, bem como as perspectivas que Freud tinha de ciência naquele período.

Palavras-chave: psicanálise; civilização; epistemologia; ciência.

Abstract: *The present essay analyses Freud's work Civilization and Its Discontents, focusing on the conception of the human being that presents internal conflicts due to the requirements of society. With the publication of the writings of psychoanalysis, several points of tension between the individual and the civilization induced Freud to substantiate the concepts of id, ego, superego, principle of reality, among others. These concepts provided understanding of the principles of civilization, breaking with the duality between the individual and collective unconscious aspects. In this work, Freud used recurrent terminology of naturalistic science in line with the adjacent spectrum of knowledge of the humanities, with a view to the junction of these knowledges, into a coherent whole, would provide greater theoretical scope for psychoanalysis. This article aims to investigate which are the foundations of psychoanalysis in Civilization and Its Discontents and the prospects that Freud had of science in our society.*

Keywords: *psychoanalysis; civilization; epistemology; science.*

1. Introdução

A preocupação em conferir maior amplitude teórica aos materiais obtidos na clínica psicanalítica foi investigada por Freud desde o início do século XX, quando ele estava formulando os alicerces epistemológicos da psicanálise. Dentre as obras do autor que mais influenciaram o seu ensaio *O mal-estar na civilização* (1930) destaca-se *O futuro de uma Ilusão*, publicada em 1927.

Desde o começo do século passado também já era possível constatar sua preocupação com relação aos aspectos inconscientes no âmbito do mal-estar na sociedade, presente no artigo *Moral sexual civilizadora e doença nervosa moderna*, de 1908. Um dos pilares deste artigo se refere à discussão sobre a “alta incidência da doença nervosa e a moderna vida civilizada” (Freud, 1908/1980, p.188). Na perspectiva teórica de Freud, essas análises são insuficientes para explicar a especificidade da doença nervosa, visto que o seu fator etiológico é descartado e a repressão da sexualidade exerce um papel fundamental nas neuroses.

É importante destacar que, quando Freud estava desenvolvendo a obra *O mal-estar na civilização*, escrito entre 1929 e 1930, a influência da Primeira Guerra Mundial e de suas consequências contribuíram para uma visão pessimista sobre a história da humanidade. Em *O mal-estar na civilização*, quando Freud utiliza o termo *kultur* o sentido do título da obra se refere aos termos civilização e cultura. Diante da ambivalência entre indivíduo e civilização, a psicanálise poderia auxiliar na contenção das pulsões de morte, permitindo, com isto, a transformação do agir humano, ao mobilizar conteúdos do inconsciente para a consciência e reduzir o determinismo psíquico, no sentido de melhorar a capacidade de escolhas ou apenas reduzir as repetições de ações destrutivas.

Como ponto de partida do presente artigo, serão apresentadas as análises sobre o uso que Freud fez das ciências naturais, da metapsicologia e dos diversos ramos do conhecimento das humanidades que contribuíram para a construção da psicanálise em sua inserção nos estudos culturais. Além dos fundamentos epistemológicos internos nos estudos de Freud sobre as civilizações, é necessário compreender também o significado que o progresso científico tem para o autor, tendo em vista que ao abranger o que era ciência para ele, torna-se exequível a abertura de caminhos para o discernimento de como foi a construção da psicanálise naquele período.

Neste sentido, é fundamental o desenvolvimento de estudos que investiguem os alicerces epistemológicos que possibilitaram a Freud analisar o indivíduo que comporta conflitos psíquicos provenientes das exigências da civilização. Não obstante, o objetivo deste trabalho não é discorrer sobre a possível ambivalência de Freud com a filosofia ou tentar delimitar em qual campo de conhecimento a psicanálise melhor se adapta, mas estudar sinteticamente a epistemologia da psicanálise, sobretudo em *O mal-estar na civilização*, e como os conceitos podem ter raízes híbridas que acabaram formando um todo coerente.

Para Richard Simanke (2009), a perspectiva sobre a cultura em Freud tem como referência o darwinismo. Com a hipótese darwinista de organização social primitiva dos homínídeos, Freud teceu um paralelo entre religião e neurose obsessiva, estendendo à primeira o modelo explicativo da segunda. O autor também construiu uma abordagem original da sociabilidade, explicando o laço social como resultado de uma transformação das escolhas libidinais em um sistema complexo de identificações dos membros do grupo entre si e com seus líderes. Por sua vez de acordo com Fulgêncio (2003), Freud propôs elaborar a psicanálise como uma ciência natural que sempre esteve interligada às suas

atividades médicas. Ou seja, seu objetivo era fundamentar um método de tratamento de determinados distúrbios psicopatológicos que não existia em sua época. Na análise de Renato Mezan (2007), o fato de a psicanálise ser evidenciada exclusivamente como uma ciência natural é estranho. O que seria mais humano do que a mente humana e toda a sua complexidade, que justamente a psicanálise ajudou a desvelar?

A psicanálise é um estudo do inconsciente e tem suas especificidades próprias, mas seria limitante concebê-la como uma teoria universal do desenvolvimento infantil ou uma teoria naturalista do funcionamento psíquico. É certo que Freud foi um leitor da biologia evolucionária, na medida em que pesquisou sobre os aspectos primevos do inconsciente enfatizando as pulsões sexuais e agressivas. Não obstante, nas suas obras é possível verificar referências a mitologia, filosofia, artes, literatura e estudos antropológicos sobre o homem.

Peter Gay (1995) acredita que existe uma relação da psicanálise com a política e cultura, pois *O mal-estar na civilização* é uma espécie de programa para teóricos da cultura. “O sistema de Freud contém, meio oculto, uma teoria política, uma teoria da arte e, ainda mais intimidadora, uma teoria da cultura” (Gay, 1995, p. 264). Fica evidente a sua aproximação com as humanidades porque aborda temáticas culturais, que incluem a religião, a civilização e as relações humanas. Em contrapartida, as ciências naturais são abordadas da seguinte forma:

Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, estabelecendo seu controle sobre a natureza de uma maneira jamais imaginada. As etapas isoladas desse progresso são do conhecimento comum, sendo desnecessário enumerá-las. Os homens se orgulham de suas realizações e tem todo o direito de se orgulharem. Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, consecução de um anseio que remonta a milhares de anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes. (Freud, 1930/2012, p.16).

É de suma importância entender o que Freud pensa a respeito da ciência. A análise dos critérios próprios e específicos de validação psicanálise não deve ser fundamentada em um ideal unívoco de ciência, mas a partir do pressuposto que apresenta uma especificidade própria e um critério de validade específico.

2. O mal-estar do indivíduo na civilização e os paradoxos da liberdade

A principal investigação suscitada por Freud sobre o processo de civilização foi dos mecanismos para controlar as pulsões sexuais e agressivas do indivíduo. A palavra civilização “descreve a soma integral dos regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem para dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar relacionamentos mútuos” (Freud, 1930/2012, p. 17). Ao abordar a relação entre indivíduo e civilização, Freud não visou separar tais categorias em forma de oposição, tendo em vista que “nesse ponto os dois processos, o de desenvolvimento cultural do grupo e o do desenvolvimento cultural do indivíduo, se acham, por assim dizer, sempre interligados” (Freud, 1930/2012, p. 47).

Em decorrência dos conflitos históricos que Freud estava presenciando é que surge um dos seus principais questionamentos: o porquê de a civilização não conseguir proporcionar felicidade a algumas pessoas. Ao descrever em termos psíquicos a relação do indivíduo com seu meio, o autor estudou a questão da felicidade como algo que proporciona um sentido à vida. A felicidade, concebida a partir da civilização, pressupõe que viver em sociedade exige o recalque de alguns desejos não permitidos, ocasionando um sofrimento necessário para convivência com os demais sujeitos. Com efeito, os relacionamentos em grupo não são as únicas fontes de infelicidade, já que a natureza pode aniquilar o corpo do ser humano de forma inevitável.

Na concepção de Freud, a felicidade é imanente ao princípio do prazer, que, desde o início da constituição psíquica, visa evitar a dor por meio de satisfação dos desejos primários. De acordo com Azoubel (2021), este processo primário, mediante um investimento de desejo, ocasiona a alucinação e o desprazer (frustração). Por outro lado, os processos psíquicos secundários garantem um investimento do ego, suprimindo os processos anteriores. Esta dinâmica psíquica tem a função de manter o prazer para afastar o sofrimento, podendo ser feita de forma mais satisfatória com a participação do ego. Para Freud, o sofrimento humano provém de três fontes: “o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (Freud, 1930/2012, p.15). Neste sentido, a manutenção da felicidade pela obtenção de prazer é algo transitório, que sofre a mediação da civilização, tendo a figura paterna como um de seus principais protótipos e representada pela instância do superego.

O ser humano, na visão de Freud, é um ser de felicidade e liberdade limitada. Porém, existem algumas formas pelas quais o indivíduo pode lidar internamente com seu

sofrimento. Entre elas, Freud propõe alguns procedimentos psicanalíticos: “contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas” (Freud, 1930/2012, p. 10). Nesta dimensão, o isolamento das pessoas não é apenas uma medida paliativa, tendo em vista que pode proporcionar oportunidades de analisar a si mesmo. Também não constitui um problema, desde que não seja demasiado a ponto de se tornar patológico, como o modo de vida do eremita. Freud (1930/2012), ao discorrer sobre a dinâmica psíquica do eremita, afirma que os aspectos insuportáveis devem ser exilados ou substituídos por outros mais adequados aos seus próprios desejos, pois a realidade é intolerável.

A psicanálise ainda sugere uma outra forma de elaborar os impulsos humanos: a sublimação. De maneira geral, a sublimação consiste no desvio dos impulsos libidinais para canalizá-los em atividades intelectualmente relevantes para a sociedade, como as obras de arte e a produção do conhecimento científico. Em um sentido mais preciso, segundo Roudinesco & Plon (1998), o conceito de sublimação trata de um tipo particular de atividade humana (produção literária, artística, intelectual) que não encontra nenhum vínculo aparente com a sexualidade, mas que emana a força da pulsão sexual na medida em que é deslocada para um objeto não sexual socialmente valorizado.

Como se constata, a sublimação é um conceito usado para explicar a dinâmica metapsicológica da clínica psicanalítica, se estendendo para o âmbito cultural. Mas, de acordo com Freud (1930/2012), o problema desse procedimento é que a sublimação era restrita a poucas pessoas: “o ponto fraco desse método reside em não ser geralmente aplicável, de uma vez que só é acessível a poucas pessoas” (Freud, 1930/2012, p. 10). A sublimação não foi tratada de modo particular em alguma obra específica de Freud, mas disseminada em várias delas. No ensaio de Freud sobre Leonardo da Vinci, publicado em 1910, a sublimação não tem relação com o recalque, pois as pulsões sexuais se convergem em sublimação por meio de conteúdos não sexuais (Freud, 1910/1976). Em *Totem e Tabu*, os processos de sublimação e recalque são divergentes, visto que a formação de um sintoma ocorre por meio do recalque, ao passo que a sublimação é uma resposta psíquica não patológica (Freud, 1913/1996). A sublimação é um mecanismo psíquico, mas no âmbito cultural tem como cerne a renúncia das pulsões em detrimento do processo civilizatório.

Embora Freud desenvolvesse teorias e técnicas significativas em seus textos, no sentido de conciliar os desejos primários do indivíduo com a realidade coletiva, há mecanismos de fuga do desprazer que poderiam ocasionar delírios no plano individual e coletivo. Os modos patológicos ou ilusórios que as pessoas utilizam para escapar das restrições impostas pela civilização aliviarão provisoriamente os sofrimentos inerentes ao humano. Sobre o aspecto ilusório em uma perspectiva coletiva, Freud destaca que a religião é para a maioria das pessoas uma “certeza de felicidade, que deve ser situada entre os delírios de massa” (Freud, 1930/2012, p. 12).

Mesmo que a religiosidade tente propor caminhos de alteridade para amar incondicionalmente o próximo, na visão da Freud a primeira exigência que torna a sociedade civilizada é a justiça. Na abordagem freudiana, a lei é intrínseca ao complexo de Édipo, no qual o indivíduo se depara com o seu primeiro *não* simbólico, bem como com as interdições necessárias para o desenvolvimento do superego. Para Freud, a liberdade é anterior a qualquer forma de civilização, mas, em uma comunidade humana, o desejo de liberdade pode ser concebido como revolta perante uma injustiça existente. Esse desejo pode ser favorável a um maior desenvolvimento da civilização, mas, por outro lado, a liberdade pode se achar contraditória à civilização. Quando a liberdade do indivíduo é demasiada podem ocorrer atos hostis para com o próximo. Para Freud, um dos maiores entraves para a civilização é a agressão:

[...] em tudo o que se segue, adoto, portanto, o ponto de vista de que a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva original e auto-subsistente, e retorno à minha opinião, de que ela é o maior impedimento para a civilização (Freud, 1930/2012, p. 35).

Neste sentido, o processo de contenção dos impulsos sexuais e agressivos apresenta um percurso no qual a energia libidinal é recalcada. A agressividade é deslocada para onde teve origem, mas não se pode esquecer que, no contexto clínico, a questão do sofrimento humano deverá ser interpretada de forma perspicaz pelo analista.

3. A ciência e a metapsicologia em *O mal-estar na civilização*

Feita uma breve análise conceitual da obra *O mal-estar na civilização*, serão argumentados alguns dos fundamentos epistemológicos que possibilitaram a Freud dar maior amplitude conceitual à psicanálise, o que viabilizou a inserção de outros objetos de estudo, como a cultura e a religião. Com a elaboração dos modelos metapsicológicos, Freud começou a trabalhar o psiquismo sob uma nova perspectiva, rompendo, assim, com

a psicologia positivista de sua época. Esta perspectiva da metapsicologia foi uma reformulação freudiana visando descrever o psiquismo em suas apresentações dinâmicas, tópicas e econômicas.

Segundo Fulgêncio (2003), os conceitos metapsicológicos têm uma orientação determinada, referindo-se ao ponto de vista dinâmico, tal como ocorre em outros segmentos das ciências naturais. Freud acrescentou a esse ponto de vista, a perspectiva tópica e econômica, a qual também se refere a conceitos e modelos especulativos que a finalidade é completar os modelos empíricos, tornando viável condensar e ordenar os dados clínicos e fornecer um modelo para procurar explicações para conseguir novos resultados (Fulgêncio, 2003). Portanto, a psicanálise é formulada por meio dos materiais empíricos provenientes dos estudos de casos clínicos e de conceitos psicológicos, como superego, princípio de prazer, pulsão de morte, entre outros. Freud foi estruturando sua teoria à medida em que as informações obtidas por meio de materiais clínicos possibilitaram a reformulação de seus conceitos abstratos para sua fundamentação prática.

O fato de Freud propor a criação de uma psicologia baseada nos moldes empíricos, em consonância com suas aspirações científicas, não descarta a importância das ciências humanas para dar vivacidade aos seus apontamentos teóricos abstratos. Neste sentido, de qual modo as terminologias oriundas das ciências naturais se interligam com os estudos das ciências humanas em *O mal-estar na civilização*?

Logo no início da obra Freud descreveu a religião como uma forma de ilusão e percebeu os entraves de se realizar uma análise descritiva sobre os sentimentos que a religião desperta: “Não é fácil lidar cientificamente com sentimentos. Pode-se tentar descrever os sinais fisiológicos, onde isso não é possível” (Freud, 1930/2012, p. 2). Ao trabalhar com os aspectos subjetivos dos indivíduos, apresenta-se a dificuldade em categorizar os sentimentos no âmbito das ciências naturais daquela época. Por outro lado, é importante lembrar que Freud era um médico e que sempre colocou a psicanálise no âmbito das ciências naturais. Essa orientação epistemológica geral não impediu Freud de estender a aplicação dos conceitos psicanalíticos às questões culturais.

Ao analisar as interfaces com as demais ciências no período de sua publicação, constatamos que Freud elaborou seu projeto de ciências naturais. Essa abordagem ainda se estende a um outro problema: os fundamentos epistemológicos das ciências naturais na discussão sobre progresso científico e o retrocesso da infelicidade humana. Sob o

ponto de vista do progresso técnico em controlar a natureza, as ciências naturais obtiveram inúmeros avanços, como a redução da mortalidade infantil, do perigo de infecção no parto para as mulheres e em prolongar a idade média do ser humano (Freud, 1930/2012, p. 16). Há uma vasta lista de benefícios e males que poderiam ser citados sobre o progresso técnico a partir do advento das ciências naturais. Porém, a questão que intrigava Freud era por quais motivos não haveria uma relação intrínseca entre progresso científico e felicidade.

Com o devido cuidado, pode se afirmar que as vantagens proporcionadas pelo progresso científico são questionáveis. Freud utilizou exemplos de avanços científicos e propôs um contraponto para reflexão: “[...] enfim, de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias, e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como a libertação?” (Freud, 1930/2012, p.17). Mesmo que o objetivo do presente trabalho não seja o de delimitar as raízes filosóficas da psicanálise, constata-se que a posição de Freud sobre a morte como libertação se assemelha ao asceticismo de Schopenhauer, mas esta é apenas uma das características dos textos psicanalíticos sobre sua visão de ser humano. Neste contexto, Pastore (2015) afirma que é justamente na formulação da perspectiva dualista da vida pulsional, em *Além do princípio do prazer* (1920), texto crucial em que Freud apresentou uma virada em seu pensamento ao preconizar a pulsão de morte na psique, que o autor encontrou amparo na filosofia de Schopenhauer, formalizando, assim, sua relação fundamental com o filósofo.

Para Birman (1998), há um conformismo entre os críticos da psicanálise pós-freudiana em silenciar a radicalidade de Freud sobre a modernidade. Nesta abordagem, a psicanálise assume uma perspectiva ao mesmo tempo *triumfalista e cientificista*, que não condiz com os argumentos levantados a respeito do mal-estar na modernidade. É possível constatar que Freud preconizava o labor científico, mas com ressalvas. Quanto ao aspecto do que é útil à civilização, em certo sentido ele não se mostra um utilitarista, pois afirmou “que a civilização não se faz acompanhar apenas pelo que é útil, já ficou demonstrado pelo exemplo da beleza, que omitimos entre os interesses da civilização” (Freud, 1930/2012, p.20). Na perspectiva psicanalítica, os aspectos como a beleza, a limpeza e a ordem têm um significado para a civilização, pois mesmo que não sejam importantes quanto ao controle sobre as forças da natureza, jamais são colocadas em segundo plano, visto que têm um significado simbólico. Portanto, quando Freud trabalhou com os aspectos emocionais e subjetivos do ser humano, que não se explicam apenas pelo que é

pragmaticamente útil, foi necessário o desenvolvimento de conceitos como id, ego, superego, sublimação, entre outros, por meio do que ele denominou metapsicologia.

Segundo Loparic (2001), a metapsicologia contribuiu com a psicanálise ao auxiliar na constatação ou comparação de fenômenos que não são diretamente observáveis, mas que precisam de conceitos que vão além da experiência imediata. Neste sentido, Loparic afirma que a teoria psicanalítica visou resolver um problema do estudo empírico e do tratamento das neuroses, assim como a metapsicologia foi estabelecida com o objetivo de pesquisar e descrever os distúrbios da vida psíquica consciente, observados na prática clínica (Loparic, 2001). A metapsicologia, este novo sistema dentro da psicanálise, foi nomeada desse modo pelo próprio Freud, pois seu uso pretendia ir além da psicologia positivista. Portanto, a metapsicologia auxilia a dar profundidade no empirismo imediato, ocupando determinada configuração em um plano da metafísica e dos estudos culturais da civilização e sendo concernente à prática da clínica psicanalítica.

Com base em suas observações, Freud aplicou seu método interpretativo para desvelar os conteúdos inconscientes, não apenas no âmbito individual, mas visando entender o processo de elaboração cultural dos grupos humanos. De acordo com Loparic (2001), a contribuição teórica do método especulativo freudiano não faz parte de uma ciência da natureza do psiquismo e da psique e também não é o fundamento último da psicanálise, mas funciona como uma supra estrutura especulativa, um conjunto de conceitos acoplados tendo a finalidade de utilização metodológica e heurística na organização do material proveniente da clínica empírica e na procura de novos resultados terapêuticos. É inapropriado estudar a obra de Freud com a concepção reducionista que a ciência alcançou no século XXI. Um século antes as convergências entre análises científicas de áreas correlatas eram mais frequentes. Isto, infelizmente, se perdeu. Ao tratar do *O mal-estar na civilização*, pode-se almejar uma abordagem menos instrumental dos processos psicanalíticos da humanidade. Essa contribuição é referência incontornável desta obra específica de Freud.

4. Conclusão

Os diversos conceitos utilizados por Freud em *O mal-estar na civilização* tornaram-se convenções com o objetivo de organizar seus materiais empíricos, assim como a física utiliza os conceitos de gravidade, força, energia, entre outros. Isso evidencia que o conhecimento se faz pelo entrelaçamento de diferentes conceitos e problemas entre

as teorias que buscam responder questões que formam um todo coerente. Assim, ao desenvolver um novo paradigma para a psicanálise, os estudos freudianos sobre a civilização podem ser considerados alguns dos seus principais textos graças ao diálogo estabelecido com as demais ciências, importante contribuição à reflexão sobre a relação entre progresso científico e valorização do ser humano.

A análise da obra *O mal-estar na civilização*, possibilitou entender o percurso epistemológico de Freud no processo de elaboração da psicanálise, sendo fundamental para entender questões que ainda são pertinentes e atravessam o cotidiano. Possibilitou, ainda, compreender como as interfaces das ciências naturais e humanas impulsionaram Freud a desenvolver o pressuposto de que a civilização exige abdicção ou sublimação das pulsões sexuais do indivíduo.

Outro aspecto deste artigo tratou da concepção de Freud sobre as ciências em *O mal-estar na civilização*. Consideramos que nessa obra há um pessimismo mais acentuado sobre o progresso científico do que nas demais obras do autor, uma vez que a percepção de que a ciência traria felicidade para a humanidade foi desconstruída. Na medida em que Freud passa a conceber o progresso científico de maneira trágica para a civilização, ele considerou que a humanidade tinha opções variadas de organização social, mas que elas deviam considerar os limites sociais de satisfação das pulsões do indivíduo. Entre as alternativas que Freud propôs para enfrentar o desprazer oriundo da civilização, uma delas foi a sublimação, a qual propiciaria ao indivíduo desviar as pulsões libidinais de suas metas originais para investir em realizações culturais e valorização da humanidade.

Não foi feito menor de Freud buscar coerência científica dialogando com várias áreas do saber num período tão conturbado como o vivido por ele no final da década de 1920. Isto demonstra a maturidade de um intelectual que não desistiu de vislumbrar saídas para a humanidade às vésperas de tempos ainda mais sombrios que se apresentavam no horizonte.

Recebido em: 24.10.2021

Aprovado em: 25.11.2021

Referências

Azoubel, D. (2006). A psicanálise do processo primário: reflexões sobre a metapsicologia da dor. *Revista SPAGESP*, 7(1), 28-43.

Birman, J. (1998). O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Physis*, 3(1), 123-144.

Freud, S. (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (vol. IX, pp.147-168). Rio de Janeiro: Imago, 1980.

Freud, S. (1910). Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (vol. XI, pp.81-89). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. (1913). Totem e tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (vol. XIII, pp. 245-290). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Freud, S. (1930). *O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

Fulgêncio, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud. *Revista Natureza Humana*, 5(1), p.129-173.

Gay, P. (1995). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Cia. das Letras.

Loparic, Z. (2001). Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. *Revista Natureza Humana*, 3(1), 91-140.

Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Revista Natureza humana*, 9(2), 319-359.

Pastore, J. (2015). Apresentação: a presença schopenhaueriana no pensamento de Freud. *Ciência e Cultura*, 67(1), p. 18-25.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Simanke, R. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientia e Studia*, 7(2), 221-235.